



MARIA, MODELO DE FÉ E DE CONSAGRAÇÃO

Retiro online - Advento 2024 com Sta. Teresa de Lisieux «Acolher a Deus como as crianças»

Evangelho de Jesus Cristo segundo São Lucas (1,39-45)

Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: «*Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor*».

Aquela que acreditou

Se Maria se dirigiu apressadamente para casa da sua prima Isabel, foi movida por uma fé animada da mais pura caridade, a caridade que, como diz São Paulo, «*é prestável e não procura o seu próprio interesse*» (cf. 1Cor 13,4.5)... ***Quem ama sob a inspiração do Espírito Santo, esquece-se de si mesmo e põe-se ao serviço do próximo***, a exemplo de Cristo, servo do amor do Pai para com todos. Todos somos convidados a acolher com total disponibilidade o mistério de um Deus que quer habitar em nós e nos quer também impulsionar pelos Seus caminhos de caridade. Porque quanto mais próximo o homem está de Deus, mais próximo está dos outros homens. Maria é nossa Mãe na ordem da graça e quer gerar-nos para esta vida no Espírito Santo, de que ela é uma testemunha eminente. Maria partilha com Isabel a alegria que lhe enche o coração, para que esta seja também a nossa alegria e possamos unir-nos ao seu cântico de louvor, o Magnificat; que também nós possamos assim «glorificar o Senhor», isto é, dar-Lhe lugar na nossa vida, deixá-Lo entrar no nosso tempo e na atividade de cada dia. ***A verdadeira oração é «mariana» porque consiste em receber tudo de Deus para melhor O levar ao mundo***. Devemos, seguindo o exemplo de Maria, gerar Cristo para o nosso tempo. O santo carmelita Tito Brandsma, canonizado em 2022 pelo Papa Francisco escreveu, falando da tradição carmelita: «*A finalidade da nossa vida é mariana: que Cristo nasça em nós e nasça de nós*».



Na escola de Teresa: Maria é a primeira no caminho

Teresa sempre considerou a Virgem Maria, não apenas sua Mãe do Céu, mas também modelo de fé e de consagração a Deus, modelo do coração que escuta ao Deus que a ela vem na noite da fé e que O acolhe, com toda a força da sua mente e vontade, toda a capacidade da sua alma. Ela é a nossa resposta ao dom que Deus nos faz de Si mesmo. A melhor definição desta virtude teologal parece-me ser aquela que se encontra na Constituição Dei Verbum do Concílio Vaticano II, onde se nos diz: «*A Deus que Se revela é devida «a obediência na fé»* (Rm 16,26 ; cf. Rm 1,5 ; 2Co 10,5- 6) pela fé, o homem entrega-se total e livremente a Deus oferecendo «*a Deus que se revela»* o obséquio pleno da inteligência e da vontade e prestando voluntário assentimento à Sua revelação. Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte a Deus o coração, abre os olhos do entendimento, e dá «*a todos a suavidade em aceitar e acreditar na verdade»* (DV, 5). Uma definição magnífica que conjuga a adesão voluntária do homem ao dom de Deus, que Se revela pela Sua graça que nos precede e é obra do Espírito Santo. **Maria é o modelo incontornável do acolhimento de Deus na fé.**

Na escola de Maria descobrimos que a vida de fé é, antes de qualquer resposta nossa, um consentimento à graça, uma recetividade tornada fecunda pela ação do Espírito em nós e da qual depende a profundidade do nosso sacerdócio comum de cristãos, desde o batismo. Rainha e formosura do Carmelo mas, mais ainda, **Mãe e Mestre de vida espiritual, a Virgem Maria ensina-nos a viver como ela, acolhendo o Espírito**, dom que Deus nos faz de Si mesmo, e correspondendo-Lhe através da livre oferenda da nossa vida para louvor da glória do Pai e para a salvação do mundo.

Com efeito, «o amor de Deus — dito de outra forma: o amor que Deus tem por nós — foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rm 5,5). O amor que temos a Deus é apenas uma retribuição do amor que Ele tem por nós. É um amor gratuito, que não depende dos nossos méritos prévios, mas unicamente da misericórdia de um Deus que é fiel a Si mesmo. **Deus não nos ama porque sejamos amáveis; nós somos amáveis porque Ele nos ama!** A razão pela qual Deus nos ama é, pois, Ele mesmo, e esta é a grande mensagem de Teresa e também a Boa Nova do Evangelho.

A Virgem Maria, tal como um espelho de aumentar na nossa vida espiritual, oferece um exemplo sublime do que pode fazer a graça numa criatura humana, ao ponto de um autor ter podido dizer que «*Maria representava a criatura»* (Gertrude Von Le Fort, *La Femme éternelle, Foi Vivante*, Cerf, p. 45). Que quer isto dizer? Que a Virgem Maria foi a primeira a experienciar a iniciativa do amor divino e, com tal intensidade e recetividade lhe correspondeu, mais, consumou a «*vocação mariana da mulher»* (ibid.), que deu a todos os cristãos o poder de a imitar, visto que se trata, em primeiro lugar, de uma obra divina e de uma disposição do coração. E por estar cheia da graça divina - em grego, Kejaritomene, Maria pode cantar o seu reconhecimento ao Senhor que se inclinou para ela. E como Maria é mais devedora a Deus do que qualquer outra criatura humana, permanece em profunda humildade, está para sempre em ação de graças pelas maravilhas que o Deus de Israel nela realizou.



Ela é a Imaculada Conceição porque foi preservada - por uma graça insigne de Deus, em vista da Encarnação do Verbo -, da mancha do pecado original e de todo o pecado pessoal. Deus remiu-a *«antecipadamente»* para retomar as palavras de Teresa no seu Manuscrito: *«Reconheço que, sem Ele, teria podido cair tão baixo como Santa Madalena. A profunda palavra de Nosso Senhor a Simão ressoa com uma grande doçura na minha alma. Bem sei: «Aquele a quem menos se perdoa, ama menos» (Lc 7,47), mas também sei que Jesus me perdoou mais que a Sta. Madalena, porque me perdoou antecipadamente, impedindo-me de cair».*

E Teresa compara-se a uma criança que o seu Pai médico salvou de uma queda, afastando uma pedra do caminho, em vez de ter de tratar as suas feridas depois de ter caído: *«Certamente, este filho, objeto da sua providente ternura, não SABENDO a desgraça de que o pai o livrou, não lhe testemunhará o seu reconhecimento, e amá-lo-á menos do que se tivesse sido curado por ele... Mas, se vier a saber o perigo do qual escapou, não o amará ainda mais? Pois bem, eu sou essa filha, objeto do amor providente de um Pai que não enviou o seu Verbo para resgatar os justos, mas os pecadores (Ms A 39 rº).*

Todo o génio espiritual de Teresa irrompe nestas poucas linhas em forma de parábola: ***Todos somos, a vários títulos, filhos da misericórdia do Pai celeste.*** Teresa sabe que foi redimida pelo sangue de Cristo Redentor, tanto como Maria Madalena e os maiores pecadores; ela sabe que não foram as suas próprias forças que a preservaram de todo o pecado grave, mas apenas o Amor de um Deus-Pai que se apraz em ter misericórdia dos seus filhos. A Virgem Maria não escapa a esta misericórdia gratuita: *«Foi por pura misericórdia que a Virgem foi concebida imaculada e recebeu esta graça primordial incomparável»*, declarou o Padre Maria-Eugénio (Carmel, 1979/1, Marie, Mère des pauvres, p. 47). O Pai do Céu não só a remiu antecipadamente dos pecados graves que ela pudesse vir a cometer, como a remiu de TUDO antecipadamente, uma vez que foi criada sem a mancha do pecado original, é a Imaculada Conceição. ***Maria é, portanto, mais do que qualquer outra criatura, aquela que vive com profunda humildade na dependência do amor do Pai, de Quem recebe diariamente a sua vida sobrenatural na graça.***

O que Deus espera de nós, o que Lhe falta de certa maneira, é que Lhe ofereçamos o nosso pequeno nada para que Ele possa aliviar a Sua necessidade de Se dar, de Se espriar, para que Ele possa ***«deixar transbordar para nós as ondas de ternura infinita que tem encerradas em Si»***, segundo as palavras da própria Teresa (Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso).

A Virgem Maria ensina-nos, como soube ensinar à sua irmãzinha Teresa, que a vida e a santidade cristãs não são uma questão de pontos a acumular ou de coisas a fazer. Mas sim uma abertura de todo o nosso ser, um consentimento profundo à obra da graça em nós; trata-se de nos oferecermos tal como somos às obras do Amor Misericordioso. ***Não se trata de tentarmos ser amados, mas sim de deixar que Deus nos ame, de nos deixarmos amar pelo seu amor transbordante e misericordioso***, que não quer que nos examinemos, mas que nos entreguemos totalmente à Sua misericórdia para sermos renovados e elevados por ela.

O que Deus espera de nós é que concordemos com todo o nosso ser - numa disposição de coração totalmente pobre de si e confiante até a audácia na Sua bondade de Pai – em nascer de novo no Espírito Santo, que consintamos em nos deixarmos consumir por este fogo de amor *«que transforma tudo em si»*, que consintamos na fé em nos oferecermos ao Amor misericordioso até à comunhão na cruz de Jesus. Dizendo *«sim»* ao nascimento do Verbo nela, Maria colocou todo o seu ser, corpo e alma, à disposição do seu Deus. O dom da fé implica o dom de si mesmo... até à morte e morte de cruz.



Maria é imitável na sua atitude de fé. Ela é um modelo de fé e de doação de si.

Como disse sim numa obediência do coração inteiramente filial, Maria conheceu a plenitude da comunhão à vontade e à presença divinas e tornou-se a Mãe da Igreja. Dito de outra forma, Maria é uma auxiliar indispensável para permitir que cada um de nós acolha a vida divina e a faça frutificar. De forma muito particular cooperando com Cristo na salvação dos nossos irmãos. Como Maria, pela fé e na comunhão dos santos, o cristão dá à luz novos membros de Cristo. São Paulo estava consciente disto quando escreveu aos Gálatas: *«Meus filhos, por quem sinto novamente as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós»* (Gl 4,19).

À Santa Virgem «apresentam-na inacessível; deviam mostrá-la imitável», declara Santa Teresa do Menino Jesus nos seus Últimos Conselhos e Recomendações. Com efeito, a Virgem não deve permanecer uma imagem distante e inacessível; muito pelo contrário, contemplar Maria e imitá-la é corresponder à nossa vocação batismal, procurando a união com Cristo e a fecundidade espiritual, para a salvação dos homens. O Concílio Vaticano II convida-nos ainda a contemplar e imitar aquela que *«na sua vida, deu exemplo daquele afeto maternal de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão apostólica, que a Igreja tem, de regenerar os homens»* (Lumen Gentium, 65).

Não temamos, pois, receber Maria em nossa casa, como São José, seu esposo (Mt 1,20). Ela constitui uma garantia segura da autenticidade da nossa vida espiritual cristã. Tal como Teresa compreendeu, e bem, é uma graça maior tê-la como Mãe do que ser a Imaculada: *«O que a Santíssima Virgem tem a mais do que nós, é que não podia pecar, estava isenta do pecado original; mas, por outro lado, teve muito menos sorte do que nós, porque não teve uma Santíssima Virgem para amar. É uma doce consolação a mais para nós, e a menos para ela!* (Caderno Amarelo, 21 de agosto de 1897).

Pistas para a semana:

Tenho uma relação tão filial com a Virgem Santa que me permita dizer como Teresa: *«A Santíssima Virgem não tem a Santíssima Virgem para amar, por isso ela é menos feliz que nós»?*... Estarei eu a manter a Virgem Maria muito longe de mim? Ou serei capaz, reconhecendo a sua dignidade soberana, de reconhecer que ela está muito perto de mim, que é a Mãe da graça da qual eu sou o filho? Mais, serei capaz de a tomar como modelo insigne para a minha fé e a minha vida espiritual?

Frei Jean-Gabriel RUEG,
ocd (convento de Toulouse)



Segunda-feira, 23 de dezembro:

A alegria do coração!

«Os seus vizinhos e parentes, sabendo que o Senhor manifestara nela a Sua misericórdia, rejubilaram com ela [com Santa Isabel]» (Lc 1, 58)

«Ver Deus feliz já bastará plenamente para a minha própria felicidade» (CA 15, 5.2)

Ao aproximar-se a festa de Natal, coloquemos este dia sob o signo da alegria. Aprendamos a alegrarmo-nos com a felicidade alheia, com a alegria de Deus, e a fazê-la nossa.



« La Visitation » Giotto



« Thérèse au Bambino » Tableau de Céline Martin

Terça-feira, 24 de dezembro:

Eis o Menino Jesus!

«Graças ao coração terno do nosso Deus nos visitou o Sol, para guiar os nossos passos no caminho da Paz» (cf. Lc 1, 79)

«Desde há dezanove séculos cumpres a tua promessa, Senhor; a paz é a riqueza dos teus filhos» (PN 24, 2)

Esta noite acolheremos a Paz que vem dos Céus.
Sejamos hoje seus artífices.